

Sexo, oração e *rock'and'roll*: um estudo antropológico das percepções de sexualidade de jovens a partir da vivência religiosa¹

*Nádia Elisa Meinerz**

Sinopse

Esse artigo é resultado de dois anos de pesquisa etnográfica sobre sexualidade e religião entre jovens evangélicos, da Igreja do Evangelho Quadrangular. Ele tem como objetivo construir uma análise das percepções sobre sexualidade de jovens entre 18 a 24 anos da cidade de Santa Maria, a partir de sua vivência religiosa. O foco da análise é resignificação da trajetória afetivo-sexual dos jovens a partir da conversão ao pentecostalismo. Nesse contexto, a reflexão sobre o passado [trajetória sexual] proporciona sua recriação a partir da vivência religiosa do presente. Destaco da análise que a variável gênero é um elemento fundamental para pensar a relação dos jovens com a divisão entre sagrado e profano, bem como as estratégias através das quais os jovens driblam as normas da igreja e jogam com o discurso religioso de forma a adequá-lo às suas experiências sexuais e, ao mesmo tempo, reforçar seu pertencimento ao grupo.

Palavras-Chave: Juventude, Sexualidade, Experiência Religiosa.

¹ Esse artigo explora algumas questões abordadas na monografia de conclusão de curso, "Do sagrado ao Profano: Um Estudo Antropológico sobre as Percepções de Sexualidade e Religião entre Jovens Quadrangulares", defendida em janeiro de 2003 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

* Mestranda em Antropologia Social [UFRGS].

Abstract

This paper is the result of a two-year ethnographic research on sexuality and religion among evangelical youths, members from "The Four Square Gospel Church". It aims at constructing an analysis of the perception of youths (between 18 to 24) about sexuality, in Santa Maria. The focus of the analysis is the re-signification of their affectionate and sexual trajectories from the conversion to pentecostalism onwards. In this context, the reflection about the past (sexual trajectory) provides his reconstruction, based on the religious experience of the present. I remark that the gender category is an important element to think the relation of the youths with the division between sacred and profane, as well as the strategies that they utilize to play with the church's norms and the religious' discourse, in way to adapt their sexual experiences to it and, at the same time, reinforce their religious identity.

Key-words: young people, sexuality, religious experiences

Introdução

Estudar a interface entre as temáticas religião e sexualidade se apresenta como um objeto que desafia o olhar antropológico a ir além da descrição superficial dos eventos e adentrar a densa teia de significados que entrelaça pertencimento religioso e comportamento sexual. Para tanto, realizei um recorte denominacional e de fase de vida. O universo de pesquisa é composto de pertencentes a grupos de jovens da IEQ. Procuo, ao longo do texto, dialogar com as teorias que orientam os estudos nessas três áreas, religião, juventude e sexualidade, sem a preocupação de esgotá-las conceitualmente. O objetivo do artigo é analisar a influência da vivência religiosa sobre as percepções de sexualidade dos participantes da pesquisa.

Início explicitando os elementos que nortearam a construção do problema de pesquisa, a fim de relacionar a argumentação proposta às discussões mais amplas que permearam a pesquisa. Em seguida, realizo uma análise acerca do discurso da IEQ sobre a sexualidade, privilegiando a teoria religiosa durkheimniana em sua caracterização da ambigüidade constitutiva do sagrado. Confronto esse discurso à vivência dos jovens e às estratégias através das quais eles manipulam as normas de pertencimento religioso, tanto no que se refe-

re ao acesso às atividades e práticas proibidas pela igreja, quanto à forma como reinterpretem sua trajetória afetivo-sexual de forma a adequá-la às normas do pertencimento religioso.

1 Construindo o exótico

Entre as principais discussões que pautam a construção do conhecimento na área de antropologia social, uma das mais fundamentais é a relação com a alteridade. Essa relação é explorada a partir do método etnográfico, que pressupõe um convívio ou interação entre o pesquisador e o grupo estudado. Os estudos de antropologia urbana, ou em sociedades complexas, evidenciaram como essa alteridade é construída pelo pesquisador. Velho, que retoma a discussão sobre estranhamento e familiaridade, mostra-nos que o exótico, no contexto urbano, só pode ser pensado relacionalmente, de forma que se expressa não uma característica em si, mas uma construção do pesquisador.² Portanto, início o artigo com a construção do exótico e sua transformação em objeto de pesquisa científica.

Em primeiro lugar, destaco meu interesse pelos trabalhos sobre a temática de sexualidade, principalmente no que concerne à definição do que seja sexual. Nas Ciências Sociais, as discussões contemporâneas têm defendido a impossibilidade de definir as relações sexuais de forma fixa, privilegiando os significados a elas atribuídos pelos diferentes grupos sociais, bem como suas variações em termos históricos e ao longo da vida de cada indivíduo. Nesse sentido, a sexualidade é concebida como uma construção social e cultural, que demanda uma análise multifatorial não podendo ser reduzida à quaisquer instintos naturais.³

² Gilberto VELHO, Observando o familiar. [Para referências completas, cf. **Bibliografia** no final do artigo.]

³ Trabalhos como o de Heilborn e Loyola apresentam um interessante panorama das discussões teóricas empreendidas pelas ciências sociais e humanas, principalmente no

A relação entre sexualidade e juventude tem se apresentado como um frutífero foco de discussão acerca da variação de práticas e significados sexuais ao longo da vida dos sujeitos. Trabalhos como os de Leal e Fachel⁴ e Lohmond⁵ discutem a tese de que a juventude seria uma fase de experimentação da sexualidade, vinculada à iniciação sexual. Nesse sentido, destacam que em termos empíricos o que se observa é uma vinculação muito maior da noção de experimentação à vivência masculina, de forma que o recorte de gênero se sobrepõe à especificidade de fase de vida.⁶ O estudo de Shuch⁷ chama a atenção para o fato de que a sexualidade e as novas formas de relacionamentos sexuais e afetivos, exploradas por ela através do estudo do ficar, a partir dos anos oitenta e noventa têm se constituído numa forma privilegiada de expressão juvenil.

Cabe destacar que temáticas como juventude e sexualidade são também exploradas por outras áreas do conhecimento, como psicologia, medicina, biologia e pedagogia, com diferentes metodologias e objetivos⁸, que se modificaram ao longo da história. Ariés, resgatando a história dos sentimentos de infância e de família, descreve que as idades da vida foram alvo de diversas classificações desde a idade média e que a noção de juventude, como uma fase socialmente distinta, foi se desenvolvendo na sociedade moderna ocidental a partir de uma progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a vida adulta, na qual a educação assume um papel primordial.⁹ Dessa forma, o autor defende a necessi-

que tange as teorias essencialistas e construtivistas. M. L. HEILBORN, *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*; M. A. LOYOLA, *Sexualidade nas ciências humanas*.

⁴ O. F. LEAL; J. FACHEL, *Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais*.

⁵ Brigitte LOHMOND, *Juventude e sexualidade na França*.

⁶ LEAL; FACHEL, *Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais*.

⁷ Patrice SHUCH, *Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o "ficar" entre jovens universitários de Porto Alegre*.

⁸ Um foco elementar de tensões e disputas é a separação e os limites entre adolescência, juventude e idade adulta. Encontramos uma interessante discussão sobre esses limites no artigo de Heilborn e Salém, na qual as autoras comparam jovens de classe média no qual constatarem um "Prolongamento da juventude" a uma passagem mais rápida da infância para a vida adulta entre as camadas populares. M. L. HEILBORN; T. SALÉM et alii, *Aproximações sócio-antropológicas sobre gravidez na adolescência*.

⁹ P. ARIÉS, *História social da criança e da família*.

dade de se localizar espaço-temporalmente a noção de juventude a fim de abordá-la de maneira relativizadora, refletindo sobre o que significa ser jovem, e a multiplicidade de experiências juvenis, entre diferentes grupos sociais.¹⁰

Em termos antropológicos, parece-me fundamental pensar a juventude como uma fase da vida que é demarcada socialmente, podendo variar entre diferentes grupos culturais dentro de uma mesma sociedade. Além de relativizar o “ser jovem”, em termos de visão de mundo e estilos de vida, ressaltando as peculiaridades do contexto social em que se dão diferentes manifestações da juventude, parece importante pensar a juventude, em termos das representações e práticas relacionadas a ela por nossa sociedade contemporânea, como um valor social. Ou seja, em termos de um estilo de vida, relacionado com uma determinada forma de consumo, que qualquer pessoa, independentemente de faixa etária, poderia conquistar.¹¹

Somou-se a essas preocupações teóricas meu estranhamento, no campo empírico, da intensa participação de jovens nos cultos da IEQ. Esta era uma das doze denominações religiosas nas quais pesquisava no ano de 2001¹² na cidade de Santa Maria.¹³ O exotismo com o qual recobri esse encontro devia-se, em grande medida, à idéia (pré-noção) de que o caráter moralizador das religiões afugentasse os jovens. O estranhamento era acentuado pela constatação da peculiaridade daquele grupo, pela forte presença da música (popular e *rock* adequadas em versões *Gospel*) e da dança durante todo o culto.

¹⁰ Victora faz uma importante análise da forma como um grupo popular, da vila Divina Providência em Porto Alegre, percebe as fases da vida de forma cumulativa, sendo construídas hierarquicamente em direção ao *status* social mais elevado. Sua argumentação se concentra na discussão sobre fases da vida da mulher. C. VICTORA, *Mulheres, sexualidade e reprodução*.

¹¹ G. DEBERT, *Envelhecimento e curso da vida*.

¹² Tratava-se de uma pesquisa na área de Antropologia do Corpo e da Saúde, em sua interface com os estudos de religião, sobre Representações Religiosas de Morte e Destino da Alma e sobre a Prática relativa às Doações de Órgãos, que foi realizada entre os nos de 2000 e 2002.

¹³ Santa Maria é uma cidade de porte mediano, localizada no centro do estado, que tem como importante característica ser sede de uma universidade federal (UFSM), além de outras importantes instituições de ensino superior privado, de forma que grande parte da população é composta por estudantes de graduação e cursos pré-vestibular.

Nesse contexto, busquei informações sobre a história e as características da Igreja Quadrangular desde sua fundação, no início do século passado, nos Estados Unidos, até sua chegada ao Brasil nos anos cinquenta a partir da leitura de Freston.¹⁴ Caracterizando-a como a “Segunda onda do Evangelho” no Brasil, o autor descreve a importância do investimento nos métodos de comunicação de massa e a escolha de lugares públicos para a realização de cultos como um diferencial da IEQ, em relação às outras igrejas pentecostais.

O investimento da IEQ em estratégias de captação de fiéis foi largamente evidenciado pelos dados etnográficos, principalmente no que concerne à adesão de jovens. Nesse sentido, as ofertas religiosas se concentram basicamente em atividades de formação e atividades de lazer, que ocupam quase todo o tempo dos fiéis. Destaco as atividades de lazer como as mais fortemente atrativas aos jovens, em especial aquelas que envolvem música e dança. Além dos times de futebol masculino e feminino e dos grupos de teatro, as atividades dos jovens se concentram em torno das bandas de música. É a partir delas que se organizam os acampamentos de carnaval, encontros de louvor aos sábados à noite (louvorzão), cafés com Deus, os *shows* de bandas de *Rock Gospel*, além da participação normal dos cultos e do culto especial dos jovens. Destaco ainda, das observações de campo, que a música é parte essencial dos momentos de oração, se constituindo como elemento de promoção da intensidade emocional na expressão religiosa. Dessa forma, quanto mais prestígio tiver a banda de música e junto a ela o grupo de louvor, mais intensamente emocional é o culto.

Cabe ainda destacar a forma como procedi no recorte operacional do universo de pesquisa, ou seja, explicitar como defini quem seriam os “jovens” participantes da pesquisa. Apesar de as entrevistas serem realizadas com pessoas entre 18 e 24 anos (escolha que tinha como objetivo formar um montante comparável de narrativas), a observação participante ocorreu a partir das atividades dos grupos de jovens,

¹⁴ Paul FRESTON, Breve história do pentecostalismo brasileiro.

que eram compostos por pessoas com idades que podiam variar entre quatorze e trinta anos. Ou seja, privilegiei uma definição êmica de juventude, a fim de explorar como o próprio grupo estabelecia que alguém era adolescente, jovem ou adulto.

Todos esses elementos: a participação religiosa dos jovens; a música (a abertura que o estilo Gospel proporciona para apropriação de sons como *rock, reggae, dance*), como importante força de atração de fiéis, principalmente de jovens; a normatização religiosa da sexualidade e as hipóteses sobre a juventude como fase de experimentação da sexualidade; compõem o processo de transformação do estranhamento empírico em objeto de pesquisa científica, e delinham o recorte de analítico do artigo.

2 Sexo e religião: as ambigüidades do social

Iniciei o trabalho de campo com jovens alguns meses depois do primeiro contato. Minha intenção era, inicialmente, tomar contato com o discurso religioso sobre a sexualidade. Muito inspirada pela discussão de Foucault¹⁵, buscava compreender a religião como uma instituição produtora de discursos de verdade sobre o sexo e explorar os processos disciplinares, principalmente corporais, que ela exercia sobre os seus membros. Procurando me adequar à lógica hierárquica que organiza as relações dentro da igreja, expliquei ao pastor titular da primeira igreja os objetivos de minha pesquisa.

Elogiando-me pela escolha do tema de pesquisa, ele comentou que a IEQ tinha uma preocupação especial com essa temática, tanto em relação aos jovens como aos casais. “Sabe, (ênfatisa), muitas igrejas evangélicas condenam o sexo, mas nós temos uma visão positiva das relações sexuais e aconselhamos nossos casais a não se privarem delas” (Pastor Ilmo, 05/08/2001).¹⁶

¹⁵ M. FOUCAULT, *História da sexualidade: I A vontade de saber*.

¹⁶ Todos os nomes referidos no artigo são fictícios e respondem a preocupação ética de preservar a identificação dos participantes da pesquisa.

Esse discurso foi reforçado por Lucas, líder do grupo de jovens, quando lhe expliquei do que tratava a pesquisa. Relatou-me que sua primeira conversa sobre sexo havia sido com o pastor, na época em que ainda era adolescente e tocava na banda da igreja. O pastor havia lhe confirmado que: “sexo é muito bom”, fato que imediatamente lhe despertara o desejo de se iniciar sexualmente. No entanto, o pastor também havia lhe explicado que “exatamente por ser tão bom que o sexo deve ser praticado entre pessoas que se amam, tendo a benção de Deus dentro do casamento”.

Autores como Vainfas¹⁷ e Costa¹⁸ demonstram as transformações históricas do discurso religioso sobre a sexualidade, principalmente em relação aos valores atribuídos ao casamento e ao sexo. Nesse sentido, Costa¹⁹ nos mostra que apenas no final do Império Romano o casamento passa a ter um status positivo, se tornando um sacramento da igreja que representava ao mesmo tempo enlace dos corpos e das almas. Destaco a ênfase sobre a natureza negativa do sexo (relacionada à irracionalidade) e a necessidade do controle de si como parte de um processo constante de racionalização e institucionalização no qual o casamento teve um papel fundamental.

Outros trabalhos, como o de Machado, apontam que o protestantismo, no século XX, teria rompido com a concepção tradicional da atividade sexual, que a vinculava exclusivamente à reprodução, tornando-a uma forma legítima de obtenção de prazer, desde que dentro do casamento. Percebe-se aí uma clara modificação do *status* das relações sexuais, que passam a serem encaradas de forma positiva, mesmo que ainda relacionadas a uma forte normatização. Segundo a autora, isso pode ser evidenciado na larga aceitação dos métodos contraceptivos por parte de lideranças religiosas e fiéis das igrejas evangélicas.²⁰

Os dados das entrevistas com jovens apontaram para uma larga aceitação dos métodos anticoncepcionais e confirmaram

¹⁷ Ronaldo VAINFAS, *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*.

¹⁸ Jurandir Freire COSTA, *Sexo e amor em Santo Agostinho*.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ Maria das Dores Campos MACHADO, *Carismáticos e pentecostais*.

a proposição de que o sexo é uma forma legítima de obtenção de prazer. No entanto, o discurso oficial estabelece uma separação entre o exercício da sexualidade na esfera matrimonial, em que é elevado ao nível do sagrado pela crença da participação divina, e as experiências sexuais fora do casamento que são associadas ao mundo, à influência do profano.

Tais elementos, presentes tanto no discurso oficial quanto nas narrativas dos jovens, evidenciam que o caráter positivo atribuído ao sexo se constitui apenas na medida em que é investido de um sentido de ambigüidade. Ou seja, na medida em que é pensado em oposição ao sexo *do mundo*, às relações sexuais profanas. A concepção do sexo como uma “força”, que pode ser usada tanto para o bem como para o mal, denota a necessidade de expressão simbólica da separação entre sagrado e profano. Nesse sentido, o casamento pode ser interpretado como um ritual religioso através do qual o exercício da sexualidade é recoberto de um caráter sagrado, ou seja, o símbolo de que essa “força” está sendo usada para as “coisas de Deus”.

Entendo que a oposição entre o sexo sagrado e profano, percebida no discurso da IEQ, evidencia a caracterização de ambigüidade do sagrado, elaborada por Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa*. O autor postula que todas as religiões, como expressão de realidades coletivas, supõem uma classificação das coisas do mundo, reais ou ideais, em dois domínios opostos: o sagrado e o profano, puro e impuro. O contraste entre essas duas forças é tão completo e seu antagonismo tão radical que qualquer contato entre elas é tido como a pior das profanações.

Ocorre, no entanto, que ambos os domínios têm uma mesma origem, são forças que compartilham do mesmo caráter religioso, frutos da objetivação das representações coletivas. Agradecendo a Robertson Smith por ter revelado à ciência essa ambigüidade da noção de sagrado, nosso autor explica que pouco importa que sejam concebidos de forma oposta, o sagrado e o profano tocam a consciência dos fiéis da mesma maneira. Ambos impõem interdições e proibições, são responsáveis pelo mesmo tipo de gestos e atitudes, sendo as nuances que os diferenciam tão tênues que, o au-

autor diz, nem sempre é fácil dizer em que estado se encontram os fiéis.

Essa ambigüidade se torna ainda mais evidente à medida que um mesmo símbolo, uma mesma ação, um mesmo ritual considerado sagrado pode se transformar, pela simples modificação de circunstâncias exteriores, em profano. Procurando ir além da explicação de Robertson Smith, Durkheim se pergunta como o mal, o impuro e o profano podem ser também de natureza religiosa. Ocorre que ambos são a própria sociedade vista sob um aspecto, ou seja, elas derivam da vida coletiva e a exprimem. “Por isso mesmo que se pode compreender como elas se transformam umas nas outras. Já que refletem o estado afetivo que um grupo se encontra, basta que este estado mude, para que elas próprias mudem de sentido.”²¹

Os estudos contemporâneos sobre sexualidade destacam que as práticas sexuais e os significados a elas atribuídos, bem como a própria definição do que seja sexual variam conforme o grupo social, sendo que não podemos lhe atribuir um significado fixo. Dessa forma, as mesmas práticas sexuais podem, num determinado contexto, ser consideradas normais, enquanto são abominadas em outra circunstância. Minha argumentação é no sentido de chamar a atenção para, por um lado, a religião como estabelecadora de uma moralidade sexual ou, como diria Foucault²², produtora de um discurso de verdade sobre a sexualidade e, por outro lado, a sexualidade como um *locus* privilegiado de apreensão da ambigüidade do sagrado, descrita por Durkheim.

A normatização da “Quadrangular” aparece de forma mais enfática em relação às práticas sexuais consideradas legítimas e àquelas abominadas. Nesse sentido, o discurso religioso condena, de forma mais veemente, as práticas homossexuais. Enquanto as relações pré-conjugais são geralmente atribuídas a falhas individuais, que resultam de um afastamento entre o homem e Deus e da fraqueza da carne, as práticas homossexuais são associadas imediatamente ao

²¹ Émile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*, p. 489.

²² FOUCAULT, *História da sexualidade: I A vontade de saber*.

demônio e à sua influência maléfica sobre o comportamento sexual. Observada não apenas no discurso das lideranças, como também nas entrevistas com os jovens e nos comentários sobre suspeitas de comportamento homossexual, que presenciei em companhia dos quadrangulares, a referência a essa prática é investida de significados exclusivamente negativos, sendo geralmente qualificada como uma abominação.²³

Além disso, os valores que norteiam o exercício da sexualidade entre os jovens da IEQ estão propriamente relacionados à construção social do ato sexual legítimo, ligada ao ritual do casamento. No contexto do casamento, o sexo deixa de ser profano e passa a ser sagrado. O ritual confere à prática sexual uma legitimidade que justifica o desejo e o prazer sexuais e pode ser interpretado, de acordo com a teoria durkheimniana, em termos da sua capacidade de transmutação, de transformação do impuro em puro, que expressa de forma mais completa o caráter ambíguo do sagrado.

3 Oração e *rock'and'roll*: Juventude e participação religiosa

Comentei, no início do artigo, a forma como os dados etnográficos evidenciam a preocupação da IEQ com estratégias de captação de fiéis, principalmente com a atração de pessoas jovens. Destaquei também que, segundo minha interpretação, a centralidade dada à música nos momentos de oração e o seu caráter constituinte de todas as atividades realizadas na igreja revelam a sua importância nesse processo de captação de fiéis, em especial de jovens. Procuo, nessa parte do artigo, aprofundar a relação dos jovens com a música *Gospel* e através dela com a oração e o pertencimento religioso e sua intensidade emocional.

²³ Destaco as discussões sobre homossexualidade e religião no trabalho de Maria das Dores Campos MACHADO, *Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS*.

Cada uma das dezessete igrejas quadrangulares da cidade de Santa Maria possui um grupo de louvor, acompanhado de uma banda de música. Durante os cultos, a atuação do grupo de louvor e da banda são constantes, não sendo dispensada nem durante a “leitura da palavra”. Nesse sentido, a música e a dança são formas privilegiadas de louvar a Deus, bem como parte essencial nos momentos de oração que marcam a vivência religiosa dos jovens. Isso pode ser evidenciado pelo seu envolvimento com as bandas, nos grupos de louvor e também em grupos de dança como pela valorização que essas atividades e prestígio proporcionam aos jovens. Ou seja, compor o grupo de louvor, a banda de música, da mesma forma que a liderança de algum grupo dentro da igreja são elementos de distinção que os diferenciam dos outros fiéis.

Se por um lado essas características da vivência religiosa, somadas ao seu eminente caráter emocional²⁴ acirram o controle social da comunidade moral sobre os jovens, também dão a eles uma certa autonomia frente à família e à própria comunidade, em atividades de lazer, como o livre acesso a shows de música *Gospel*, organização de festas e reuniões constituídas exclusivamente pelos jovens da igreja, a realização de louvorzões aos sábados de noite, que agrupam jovens de outras igrejas da cidade, de outras denominações evangélicas e também de quaisquer outros jovens não necessariamente vinculados à igreja. Essas formas lúdicas de sociabilidade, que se desenrolam quase exclusivamente entre jovens, são contextos privilegiados para o namoro e busca de parcerias afetivo-sexuais, longe do controle dos mais velhos.

Além disso, os dados revelam a utilização de estratégias, por parte dos jovens, através das quais eles driblam as normas de pertencimento religioso. Ou seja, eles burlam as normas e fogem do controle da comunidade moral sem que isso interfira de forma significativa na sua participação religiosa. Uma situação de campo, que presenciei num sábado a noite, parece ilustrar essas estratégias.

²⁴ O caráter de profunda emocionalidade que caracteriza esses movimentos religiosos pentecostais não será abordado nesse artigo. Para saber mais acerca dessa discussão, ver MACHADO, *Carismáticos e pentecostais*.

Remeto-me a uma situação em que mais da metade dos jovens da Primeira Igreja²⁵ boicotaram sua reunião para irem a um parque de diversões que havia se instalado na cidade. A Primeira Igreja era o ponto de encontro, onde foram realizadas todas as combinações. As pessoas entravam na igreja, cochichavam umas com as outras e saíam rapidamente. Tentei me informar do motivo daquela agitação e fiquei sabendo que alguns jovens planejavam ir ao parque. Porém, todas as pessoas que me davam informações me diziam que não iam ao parque. Na hora da reunião, havia apenas três ou quatro jovens. Sem comentar nada sobre o ocorrido, Lucas (líder do grupo) cancelou o encontro e chamou aquelas pessoas que ainda restavam para orar por todos aqueles que, naquele dia, não tinham vindo à reunião dos jovens. Além disso, Lucas encarregou os que ali estavam de convidar os demais, ausentes, a participar do grupo na semana seguinte, pois os líderes iam organizar algo especial para conquistar novamente aqueles jovens que, naquele dia, não participaram.²⁶

Quero chamar atenção para a impotência da liderança religiosa frente ao acontecido, em termos de uma coerção ou mesmo cobrança da participação dos jovens. Ao invés de ir atrás do que aconteceu ou de criticar as pessoas pela desobediência, a atitude de Lucas foi planejar um culto que fosse mais atrativo aos jovens e tornar a mandar convites para que as pessoas voltassem a freqüentar a reunião dos sábados à noite. E isso foi o que efetivamente aconteceu. Na semana posterior, Lucas organizou uma gincana, com muitas brincadeiras, música e dança, que contou com a participação de quase cinqüenta jovens. Ninguém comentou so-

²⁵Conservo a expressão utilizada pelos fiéis, que referem-se às igrejas por ordem de sua fundação. Essa referência informa também sobre uma forte hierarquia da denominação na cidade, na qual a Primeira Igreja ocupa a posição de maior prestígio. Essa posição deve-se, além do fato de ter sido a primeira igreja da cidade, ao fato de ela estar localizada no centro da cidade, ser composta, em grande medida, por pessoas provenientes dos estratos médios da população, e por centralizar a maior parte das atividades de formação e atividades lúdicas.

²⁶Essa situação foi extraída de meu diário de campo, tendo ocorrido no dia 13/07/2002.

bre o ocorrido e também não foram feitos maiores alardes, nem por parte dos jovens, nem das lideranças.

Essas estratégias nos permitem refletir sobre uma tensão constitutiva da discussão sobre secularização e dessecularização, nos estudos sobre religião. Hervieu-Léger destaca a porosidade dos movimentos de caráter fortemente emocional, sendo que noções de permanência e obrigação seriam substituídas pela participação fundada no desejo interessado.²⁷ Em contraposição, Machado observa que além do forte caráter emocional, os grupos pentecostais são caracterizados por uma rígida moral sexual e um forte controle da comunidade religiosa sobre os seus membros.²⁸

Cabe destacar as diferenças em relação ao universo pesquisado por Machado, de mulheres adultas, dentro de uma faixa etária mais avançada, muitas delas com mais de cinqüenta anos, onde parece predominar a rotinização da participação, dentro do qual o controle da comunidade religiosa se torna mais compreensível. No entanto, a participação dos jovens na IEQ em Santa Maria pode ser mais bem caracterizada através da porosidade, de forma que o pertencimento religioso se funda muito mais no desejo interessado, que é característico das tendências menos institucionalizadoras da religião.²⁹

4 Experiência religiosa e trajetória sexual

O caráter de ordenação simbólica que o religioso impõe ao exercício da sexualidade assumiu diferentes contornos no decorrer das transformações pelas quais a religião

²⁷ D. HERVIEU-LÉGER, Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?

²⁸ MACHADO, *Carismáticos e pentecostais*.

²⁹ O debate teórico promovido no contexto dos estudos de sociologia da religião, entre secularização e dessecularização, é fundamental para compreender a argumentação de Hervieu-Léger. Destaco, acerca desse debate, entre muitos outros que tratam dessa temática, os artigos de P. BERGER, A dessecularização do mundo; M. C. MARIZ, Secularização e dessecularização; e A. PIERUCCI; R. PRANDI, *Realidade social das religiões no Brasil*.

tem passado enquanto instância organizadora da vida social. No entanto, a sexualidade permanece como elemento privilegiado através do qual se expressa a relação do homem com o sagrado. Tenho argumentado que isso pode ser interpretado através do caráter de ambigüidade do sagrado, descrito por Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa*. No contexto estudado, o discurso dos jovens sobre as práticas sexuais é investido de significados que conduzem à apreensão dessa ambigüidade, na medida em que são elaborados em relação à norma religiosa, de forma positiva ou negativa. Nesse sentido, a elaboração do significado atribuído aos comportamentos está sempre se adequando ao discurso religioso ou reinterpretando-o.

Em relação à trajetória afetivo-sexual, os dados apontam para uma forte diferenciação de gênero. Enquanto todos os seis rapazes entrevistados referiam-se às suas relações sexuais, apenas três moças declararam que não eram mais virgens. Além disso, duas delas referiam apenas uma relação sexual e a outra apenas relações com um mesmo parceiro. Essa diferença parece indicar um maior controle da igreja sobre a sexualidade das mulheres e uma tolerância para com a vivência sexual masculina. Dessa forma, a igreja estaria reproduzindo a dupla moral sexual característica da sociedade mais ampla. Além disso, esse fato contradiz, em grande medida, a ideologia de uma relativa igualdade pregada pela IEQ, como foi descrito anteriormente.

Antes de fazer maiores considerações a esse respeito, creio que seja relevante refletir sobre uma outra importante diferenciação de gênero, no que se refere à participação religiosa. Nos dois grupos pesquisados, rapazes tendem a aderir à denominação religiosa levados ou influenciados por seus familiares. Ou seja, já pertenciam a famílias cujos membros eram quadrangulares ou evangélicos, o que expressavam através da frase "já nasci na igreja". Dentre as moças, a grande maioria se converte à denominação, abandonando a religião dos pais. Isso não significa que não existam na igreja moças cuja família seja pentecostal ou rapazes que se convertam à denominação evangélica. Predomina, no entanto, o fato de moças de família evangélica abandonarem a prática

prática religiosa por causa de relações afetivas com pessoas de fora da igreja. Não são raras as vezes que ouvi comentários como o de Edilson, respondendo a um amigo sobre uma moça cuja família era da igreja:

(...) a Joana abandonou a igreja depois que começou a namorar aquele cara do mundo. Ele não gostava quando ela participava das reuniões dos jovens e também não ia nos cultos com ela. Aí, aos poucos ela foi se afastando, se afastando e agora vive longe de Deus. Por isso que namoro para cristão, tem que ser com uma pessoa que também tenha uma vida com Deus (Edilson, 17 anos, estudante).

Dessa forma, poderia inferir que o controle mais acen-tuado da igreja sobre as mulheres faz com que muitas delas se afastem da igreja e passem a ter uma vida longe das proibições impostas pela igreja. No entanto, como explicar o alto índice de conversão de moças jovens à comunidade religiosa, bem como a predominância da mulheres entre os fiéis da quadrangular? Assim, a análise da trajetória afetivo sexual das moças, bem como suas razões para a conversão religiosa, parecem nos fornecer elementos que complexificam essa discussão.

Um elemento recorrente na fala das jovens entrevista-das é a alusão à vivência dos *prazeres do mundo*. Elas se refe-rem a práticas que eram parte de suas vidas, que atualmente dizem ter abandonado por terem perdido sentido depois que entraram para a igreja. Entre essas práticas, destacam-se as relações sexuais, as “ficadas”³⁰ e a sociabilidade em locais considerados *do mundo*, como as boates e danceterias. Geral-mente, elas se utilizam dessa argumentação para se defender das críticas de amigos e parentes que não são da igreja. Nesse sentido, Mirtes afirma: “Eu sei que tem pessoas que pensam que guria que entra pra igreja é bobinha, não sabe nada da vida, mas eu já vivi todos esses prazeres que a vida do

³⁰ “Ficar” é um termo bastante popularizado entre jovens, principalmente na década de noventa, que pode significar desde simplesmente beijos e abraços, carícias, toques e experiências corporais mais ousadas até uma relação sexual. Para discussão sobre “ficar”, ver SHUCH, *Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários em Porto Alegre*.

pode oferecer” (20 anos, segundo grau completo).

Soma-se a isso o fato de as narrativas elaboradas sobre as relações sexuais exprimirem exclusivamente uma avaliação negativa por parte das entrevistadas. Marina, que relata sua primeira e única relação sexual, a descreve como uma experiência frustrante:

Foi uma coisa fria, (a relação) não existia nada entre nós, imagina, foi muito pouco tempo, olha só quanto tempo eu conhecia ele, foi uma coisa muito inconseqüente. Foi uma coisa que eu fiz porque todo mundo fazia e porque eu queria saber como é que era, eu tinha curiosidade. Foi uma coisa muito frustrante porque esse rapaz, já tinha várias namoradas, sabe já tinha feito com várias” (19 anos, superior incompleto).

Nessa fala, o tom da narrativa sugere uma preocupação com a expressão de arrependimento e de uma avaliação negativa da experiência sexual. Essa avaliação é feita a partir dos elementos que informam sobre a relação sexual legítima, defendida pela igreja, tais como conhecimento do parceiro, tempo de envolvimento com o parceiro, responsabilidade e exclusividade da parceria sexual. Nesse sentido, a relação sexual adquire significado negativo e relacionado ao profano apenas na medida em que legitima os valores relacionados ao exercício da sexualidade dentro do casamento. Dessa forma, Marina está interpretando sua experiência a partir dos valores que adquiriu no processo de conversão religiosa.

Apesar de se tratar de pessoas jovens, falando sobre eventos que ocorreram em um passado próximo, sugiro que meus entrevistados narram as suas experiências de forma criativa, ou seja, o olhar retrospectivo promove uma interpretação dos eventos, fazendo com que eles se adequem às prioridades dos indivíduos no presente. Essa interpretação se baseia na teoria de Halbwachs sobre capacidade instituinte e do poder criativo da memória. Segundo esse autor, a memória seria um processo constante de esquecimento e seleção dos eventos, em que o passado é reinventado a partir do presente.³¹

³¹ Maurice HALBWACHS, *La topographie légendaire des évangiles en terre sainte*.

Apesar de dizerem respeito às suas vivências particulares, todos os depoimentos se caracterizam por uma certa estrutura narrativa composta por uma apreciação inicial negativa das relações sexuais. Essa mesma estrutura também pode ser evidenciada na fala de Vilma sobre sua primeira experiência sexual:

Se eu pudesse escolher eu gostaria de ser virgem até hoje. E foi assim uma coisa bem, não planejada (...) E daí vem aquela sensação: Pôxa !!! será que era isso que eu queria? Aconteceu aos 14 anos a minha primeira relação sexual e eu acho que o importante de ter acontecido tão cedo foi eu descobrir o que era o amor. Naquele momento eu descobri o que era o amor, e eu comecei a diferenciar o sexo do amor. Então eu vi que o que eu sentia por mim era desejo sexual, era atração sexual e o que eu sentia por ele era amor. Pra mim foi doloroso saber que aquela pessoa não me amava, e eu vejo que foi frustrante perder a virgindade tão cedo." (Vilma, 22 anos, curso superior incompleto).

Novamente, nesse depoimento, percebo a reafirmação dos valores relacionados ao exercício legítimo da sexualidade, determinado pela igreja, tais como a virgindade e o planejamento prévio da relação. Além disso, esse depoimento expressa, além do sentimento de frustração já referido acima, um sentimento de felicidade e contentamento porque a mesma experiência dolorosa é também um momento de descoberta e aprendizado. Ao dizer que descobriu o que é o amor e aprendeu a diferenciá-lo do sexo, Vilma reafirma o princípio mais fundamental da normatização religiosa da sexualidade, qual seja a relação entre sexo e amor (enlace das almas). Ou seja, os elementos destacados na fala de Vilma informam que ela jamais poderia ter tido uma boa relação sexual fora do casamento.

O investimento de significado positivo de descoberta e aprendizado do quão negativa uma relação pode ser fora do casamento é relacionado de forma mais ampla no conjunto dos depoimentos como um dos motivos que desencadeou a conversão religiosa das mulheres. Dessa forma, sugiro que as moças justificam a conversão religiosa em termos da descobertas, em si mesmas, dos valores religiosos de prescrição de uma conduta sexual, realizando uma apropriação religio-

sa da memória sobre a trajetória afetivo-sexual.

Os rapazes, como foi referido, *nascem dentro da igreja*. Isso, porém, não significa que sua participação seja constante. Todos os rapazes entrevistados narram períodos de suas vidas em que estiveram distantes da igreja e distantes de Deus. Esses períodos coincidem com as referências a relações sexuais, que, como foi mencionado, são muito mais freqüentes entre os rapazes. Esses momentos também são relacionados a decepções amorosas, ao consumo excessivo de bebidas, ao uso de drogas. São descritos como momentos em que se encontram mais suscetíveis à ação do demônio sobre seus comportamentos.

Ao contrário das moças, que elaboram sua memória sobre a trajetória afetivo-sexual interpretando sua insatisfação com as relações sexuais como uma manifestação de princípios religiosos que já estavam nelas, os rapazes descrevem sem culpa as suas relações sexuais, não fazendo referências à insatisfação para com as práticas. Essas foram justificadas como características de sua proximidade com o mundo profano.

As narrativas dos rapazes adquirem a feição de testemunhos sobre *chegar ao fundo do poço*, entendido como um estágio necessário para a reavaliação da importância religiosa em suas vidas. Ou seja, a experiência com *o mundo*, com o profano, passa a ser avaliada de forma positiva, pois é essa experiência que permite ao indivíduo o reconhecimento da importância e da necessidade de Deus em suas vidas. A volta ao convívio com a comunidade religiosa é representada como um momento de purificação, no qual eles pedem perdão por todos os pecados e, a partir do qual, voltam a organizar seu comportamento sexual conforme as prescrições religiosas.

Embora a diferenciação de gênero na vivência religiosa dos jovens seja um elemento fundamental, entendo que, da mesma forma que as moças, os rapazes também realizam uma apropriação religiosa da memória sobre a sua trajetória afetivo-sexual de forma a empregar elementos que remetem a sua relação com *o mundo*, portanto com o profano para reforçar a idéia de uma opção pela igreja. Nesse sentido, a conversão de moças do mundo pode ser comparada à

reconversão dos rapazes da igreja, na medida em que ambos reclamam a opção consciente pela vivência religiosa, o que dignifica e dá a eles um valor diferencial dentro do grupo religioso, associado a um amadurecimento. Esse amadurecimento é considerado essencial, no discurso religioso, para uma passagem à vida adulta que se concretiza com o casamento.

Nesse sentido, encerro esse artigo sugerindo que a vivência da sexualidade deve ser levada em conta como um marcador social de fase de vida dos indivíduos. No caso dos jovens quadrangulares, esse amadurecimento é considerado como resultado de um processo de compreensão do caráter ambíguo das relações sexuais, no qual, dependendo do contexto em que são praticadas, podem ser consideradas profanas ou sagradas.

Considerações finais

Esse artigo teve como objetivo realizar uma discussão sobre a relação entre sexualidade e religião através da análise em dados coletados entre jovens da IEQ de Santa Maria. Caracterizei a relação da religião com a sexualidade como privilegiada para a apreensão da dimensão ambígua do sagrado, que compõe o conceito de religião de Durkheim.

Busquei compreender a forma como a sexualidade é vivenciada por jovens dentro do contexto pentecostal, bem como as peculiaridades da participação religiosa destes. Pude apreender, através do confronto entre representações e práticas sociais, a tensão entre a busca de um controle da comunidade religiosa sobre os seus membros e a porosidade característica da conversão a grupos caracterizados pela intensidade emocional.

Analisei a elaboração dos jovens sobre a sua trajetória afetivo-sexual como um processo de apropriação religiosa da trajetória afetivo-sexual individual para a construção da memória, composta por significados que são compartilhados coletivamente, através da qual o passado é recriado a partir das prioridades da sua vivência religiosa do presente.

Bibliografia

- ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BERGER, P. A dessecularização do mundo. *Religião e Sociedade*. N. 21, 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. Sexo e amor em Santo Agostinho. In: LOYOLA, Maria Andréa de (org.) *Sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro, 1998.
- DEBERT, G. Envelhecimento e curso da vida. *Revista Estudos Feministas*, ano 5, n. 1, 1º semestre, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: I A vontade de saber*. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GAGON, J.; PARKER, R. *Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World*. New York: Routledge, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en terre sainte*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.
- HEILBORN, M. L. (org.) *Sexualidade, o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- HEILBORN, M. L.; SALÉM, T. et alii. Aproximações sócio-antropológicas sobre gravidez na Adolescência. *Horizontes Antropológicos*. N. 17, Sexualidade e Aids. Porto Alegre, 2002.
- HERVIEU-LÉGER, D. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião e Sociedade*. N. 18, 1997.
- LEAL, O. F.; FACHEL, J. Jovens, Sexualidade e estratégias matrimoniais. In: HEILBORN, M. L. *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LOHMOND, Brigitte, Juventude e sexualidade na França. In: HEILBORN, M. L. *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

- LOYOLA, M. A. (org.) *Sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.
- _____. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS. *Caderno Pagu*. N. 1. São Paulo: Unicamp, 1998.
- MARIZ, M. C. Secularização e dessecularização: Comentários sobre a obra de Peter Berger. *Religião e Sociedade*. N. 21, 2001.
- PIERUCCI, A.; PRANDI, R. *Realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SHUCH, Patrice. *Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o "ficar" entre jovens universitários em Porto Alegre*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VICTORA, C. *Mulheres, sexualidade e reprodução*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, 1991.